

Viet Thanh Nguyen

Do autor de *O Simpatizante*, livro vencedor do Prémio Pulitzer

«Uma criação literária única,
verdadeiramente original.»

The New York Review of Books



O COM PROME TIDO

ELSINORE

«Nada é mais real do que o nada.»

RITHY PANH E CHRISTOPHE BATAILLE, *The Elimination:
A Survivor of the Khmer Rouge Confronts His Past
and the Commandant of the Killing Fields*

PRÓLOGO

Nós

Éramos os indesejados, os dispensáveis, os invisíveis, aqueles que ninguém via, exceto nós mesmos. Valíamos menos do que nada e era nada o que víamos, agachados às cegas no escuro ventre da nossa arca, 150 a transpirar num espaço não concebido para nós, mamíferos, mas para os peixes do mar. As ondas sacudiam-nos de um lado para o outro e nós dizíamos coisas nas nossas línguas maternas. Nalguns casos, eram orações; noutros, invetivas. Quando o movimento das ondas mudou e a nossa embarcação foi impelida mais vigorosamente, um dos poucos marinheiros que havia no nosso grupo murmurou, *Chegámos ao oceano*. Depois de horas aos zigzagues pelo rio, depois pelo estuário, depois pelo canal, eis que deixávamos a nossa terra-mãe.

O navegador levantou a porta do alçapão e disse-nos que subíssemos ao convés da arca que um mundo indiferente depreciava chamando-lhe simplesmente um barco. À luz do sorriso assimétrico de uma lua em quarto crescente, vimo-nos sozinhos na superfície de um mundo aquático. O deleite foi tal que todos ficámos momentaneamente de cabeça a andar à roda e depois foi a ondulação a deixar-nos com a cabeça a andar à roda, mas de outra forma. A toda a extensão do convés, virámo-nos do avesso uns para cima dos outros, e mesmo quando já nada restava para sair, continuaram aquelas contrações que nos faziam arquejar, aqueles arrancos que nos deixavam prostrados. E assim passámos a nossa primeira noite em alto-mar, a tremer convulsivamente sob as aragens do oceano.

Veio a madrugada e, em qualquer direção que olhássemos, apenas víamos o horizonte, sempre infinitamente longe. Estava um dia quente, sem uma sombra ou uma trégua. O que havia para comer metia-se na boca de uma só vez e o que havia para beber enchia tão-só uma colher, desconhecíamos a duração da nossa viagem e havia que racionar. Mas, mesmo comendo tão pouco, ainda assim deixámos o nosso rasto humano por todo o convés e no porão, e ao final do dia estávamos atolados na nossa imundície. Veio o crepúsculo e avistámos um navio no horizonte, gritámos até ficar sem voz. Mas o navio guardou distância.

Ao terceiro dia, um cargueiro irrompeu pelo vasto deserto oceânico, um dromedário encimado por uma majestosa ponte de comando, com marinheiros por todo o convés. Gritámos, acenámos, pusemo-nos aos saltos. Mas o cargueiro seguiu o seu caminho e a nós chegou apenas o rasto de ondulação que se levantara à sua passagem. No quarto dia e depois no quinto, avistámos dois outros cargueiros, cada um sempre mais próximo do que o anterior e sempre com outra bandeira. A tripulação pôs-se a apontar para nós, mas, por mais que suplicássemos, desesperássemos e erguêssemos os nossos filhos para que eles os vissem, nenhum cargueiro alterou a sua trajetória ou abrandou.

Ao quinto dia morreu a primeira criança, e, antes de oferecermos o corpo ao mar, o padre disse uma prece. Ao sexto dia morreu um rapaz. Alguns redobraram o fervor ao rezarem a Deus; outros começaram a duvidar que Ele existisse; alguns que não acreditavam n'Ele começaram a acreditar; outros que não acreditavam desacreditaram mais ainda. O pai de uma das crianças mortas gritou, Deus, porque nos fazes isto?

E de imediato soubemos a resposta, todos nós, a resposta à eterna questão da humanidade: *Porquê?*

Era ela, e é, simplesmente: *Porque não?*

Desconhecidos uns dos outros ao subirmos a bordo da nossa arca, tornáramo-nos entretanto mais íntimos do que amantes, encharcados que estávamos no que os nossos corpos expeliam,

todos nós agoniados e com a cara esfolada do sal, todos com a pele da mesma cor, torrada pelo sol. Quase todos fugíramos do nosso país, porque os comunistas, que eram quem agora mandava, nos tinham considerado fantoches, ou pseudopacifistas, ou burgueses nacionalistas, ou reacionários decadentes, ou intelectuais da falsa consciência, ou porque tínhamos algum tipo de relação com alguém que era alguma destas coisas. Havia também uma vidente, um geomante, um monge, o padre e pelo menos uma prostituta, em quem o chinês que estava ao seu lado cuspiu, perguntando de seguida, Esta puta vem connosco porquê?

Mesmo entre os indesejados havia indesejados, e quanto a isso alguns de nós não pudemos deixar de rir.

A prostituta olhou-nos, carrancuda, e perguntou, Querem *o quê*, vocês?

Era tanto o que nós, os indesejados, queríamos. Queríamos comida, água e sombrinhas, mas guarda-chuvas teriam servido. Queríamos vestir roupa lavada e poder tomar banho, e ter uma casa de banho, ou pelo menos uma retrete turca, porque acocorarmo-nos em chão firme é mais seguro e menos embaraçoso do que agarrarmo-nos à borda de uma embarcação em movimento e espetarmos o traseiro de maneira que se faça pontaria ao mar. Queríamos chuva, nuvens e golfinhos. Queríamos que fizesse mais fresco durante o dia, quando o calor era escaldante, e queríamos que aquecesse mais durante a noite, porque todas eram geladas. Queríamos ter uma ideia de quando chegaríamos ao nosso destino. E queríamos não estar já mortos quando lá chegássemos. Queríamos não ser assados pelo sol implacável. Queríamos televisão, filmes, música, qualquer coisa que ajudasse a passar o tempo. Queríamos amor, paz e justiça, exceto para os nossos inimigos, que queríamos que ardessem no Inferno, de preferência por toda a eternidade. Queríamos a liberdade e a independência, exceto para os comunistas, que queríamos que fossem todos metidos em campos de reeducação, de preferência para o resto da vida. Queríamos líderes benévolos que representassem o povo, palavra que, para nós, significava nós e não eles, quem

quer que eles fossem. Queríamos viver numa sociedade igualitária, mas, se necessário, estávamos dispostos a ter mais do que o vizinho. Queríamos uma revolução que derrubasse a revolução pela qual acabávamos de passar. Resumindo: queríamos não ter falta de nada!

O que certamente não queríamos era uma tempestade, mas foi precisamente o que tivemos ao sétimo dia. Os crentes tornaram a bradar, *Deus, ajuda-nos!* Os não crentes gritaram, *Deus, És um filho da mãe!* Crentes ou descrentes, não tivemos como fugir à tempestade, que se estendeu a todo o horizonte, ficando cada vez mais próxima. Puxado e repuxado até se encher de fúria, o vento ganhou força, as ondas ficaram maiores e a nossa arca foi acelerando e ganhando altura. Os relâmpagos iluminavam as reentrâncias das escuras nuvens de tempestade e os trovões abafavam os nossos queixumes. A torrente desabou sobre nós como uma explosão, e, as ondas impelindo a nossa arca cada vez mais alto, os crentes rezaram e os não crentes gritaram imprecações, mas todos chorávamos. E então a nossa arca subiu tão alto quanto podia subir, e, por um momento que foi eterno, ficou empoleirada num cume nevoso à beira de um precipício aquoso. Ao fixarmo-nos no vale cor de vinho que nos esperava lá em baixo, tivemos duas certezas. A primeira foi que íamos morrer, isso era certo! A segunda foi que quase de certeza sobreviveríamos!

Sim, tínhamos a certeza. Vamos — sobreviver!

E, a gritar, aterrorizados, precipitámo-nos no abismo.

PRIMEIRA PARTE

Eu

CAPÍTULO 1

Posso já não ser um espião ou um infiltrado, mas sou sem dúvida um fantasma. E como poderia não o ser, se tenho dois buracos na cabeça, por onde vai saindo a tinta preta com que escrevo estas palavras? Situação deveras peculiar, a minha, estou morto e, contudo, escrevo estas linhas no meu quartinho no Paraíso. Suponho que isso faz de mim um escritor-fantasma, e, como tal, é-me fácil, mesmo se fantasmagórico, molhar o aparo na tinta que vai vazando pelos dois buracos que tenho na cabeça, um deles feito por mim, o outro, pelo Bon, o meu melhor amigo e meu irmão de sangue. Pousa a arma, Bon. Só podes matar-me uma vez.

Ou talvez não. Continuo a ser um bicéfalo de duas caras, uma das quais talvez continue intacta. Tenho duas maneiras de pensar, logo consigo ver os dois lados de qualquer problema, e se outrora tomei isso por um talento de que me envaideci, hoje vejo que é uma maldição. Ou pode um bicéfalo ser outra coisa que não um mutante, ou mesmo um monstro? Sim, admito! Não sou um único, sou dois. Não sou apenas um eu, sou eu e tu. Não sou apenas singular, sou plural.

Perguntar-me-á o leitor por que nome nos deve tratar, tendo nós vivido sem um nome durante tanto tempo. Hesito em responder de forma simples e direta, porque nunca tive esse hábito. Sou um homem de maus hábitos, e de cada vez que me vi forçado a abandonar algum — jamais o fiz de livre vontade —, acabei sempre por retomá-lo, por entre choros e lamentos.

Vejam-se estas palavras, por exemplo. Estou a escrevê-las, e escrever é o pior dos hábitos. Enquanto a maioria das pessoas se

esforça por aproveitar ao máximo as suas vidas, se esfalfa em troca do cheque ao fim do mês, desfruta do calor do sol para absorver vitamina D, sai à caça de outro membro da sua espécie com quem possa procriar, ou simplesmente viver o dia a dia, e se recusa a pensar na morte, já eu passo o meu tempo munido de caneta e papel aqui no meu cantinho do Paraíso. Cada vez mais branco, cada vez mais magro, já deito fumo pela cabeça, tal é a minha frustração, e suo mágoas que se agarram a mim.

Posso apresentar-me pelo nome que consta do meu passaporte: VO DANH. Adotei-o já a contar vir para Paris, ou, como nos ensinaram os nossos amos franceses a chamar-lhe, a Cidade das Luzes. Chegámos, o Bon e eu, ao aeroporto já de noite, num voo vindo de Jacarta. Ao desembarcar, sentimos alívio, porque agora estávamos exilados e em segurança, e essa é a quimera de qualquer refugiado, sobretudo dos que se viram obrigados à condição de refugiados não uma, não duas, mas três vezes: em 1954, nove anos depois de eu nascer; em 1975, quando era novo e razoavelmente bonito; e em 1979, há uns escassos dois anos, portanto. Iria realmente ser de vez à terceira, como os americanos gostavam de dizer? Antes de tapar os olhos com uma venda para dormir fornecida pela companhia aérea, o Bon suspirou. Esperemos que a França seja melhor do que a América.

Para alguém que avaliasse um país pelas autoridades que fiscalizam as suas entradas, acalentar tal esperança teria sido má ideia. O homem que inspecionou o meu passaporte tinha a expressão em branco típica dos seguranças enquanto examinava a minha fotografia e depois a minha pessoa. A sua cara macilenta parecia desagradada por alguém ter autorizado a minha entrada no seu amado país, este homem sem lábio de cima que se visse ou um bigode que lhe disfarçasse a sua falta. Este homem branco então disse, O senhor é vietnamita, eis as primeiras palavras que me foram dirigidas ao visitar pela primeira vez a pátria do meu pai.

Sim! Chamo-me Vo Danh! A acompanhar o meu melhor sotaque francês, brindei aquele polícia de fronteira com o meu sorriso mais lambe-botas, tão sedento de lhe captar as boas graças que chegava

a ser nojento. Acontece que o meu pai é francês. Suponho que isso me torna também francês, não?

O seu cérebro burocrático processou esta afirmação, e, quando ele por fim sorriu, pensei, *Olha! Disse a minha primeira piada em francês!* Mas a resposta dele foi: Não... o senhor... não é... francês... coisa nenhuma. Com... um nome... assim... nem... pensar. Carimbou no passaporte a data da minha entrada no país, 18/07/81, e atirou-mo para as mãos, já a olhar por cima do meu ombro, para o próximo suplicante.

Encontrei-me com o Bon à saída do controlo de passaportes. Por fim pisávamos *la Gaule*, como o meu pai me ensinou a chamar à França quando frequentei a sua escola católica. Adequava-se que o aeroporto tivesse recebido o nome de Charles de Gaulle, o mais destacado de entre os grandes franceses de memória recente. O herói que libertara a França dos nazis, embora não deixando de nos escravizar a nós, vietnamitas. Ah, as contradições! São o eterno cheiro a sovaco da humanidade! Ninguém lhes escapa, sejam os americanos ou os vietnamitas, que tomam banho todos os dias, sejam os franceses, que tomam banho quando calha. Independentemente das nossas nacionalidades, todos acabamos por nos habituar ao cheirete das nossas contradições.

O que foi?, perguntou ele. Outra vez a chorar?

Não estou a chorar, soluzei. Estou só emocionado por estar finalmente aqui.

Por esta altura já habituado aos meus imprevisíveis ataques de choro, o Bon suspirou e agarrou-me pela mão. Na outra levava um único item de bagagem, uma mochila cilíndrica do tecido mais reles, cortesia das Nações Unidas. Não chegava aos calcanhares do meu saco de viagem de pele, que fora prenda de final de curso do Claude, o meu tutor no Occidental College no sul da Califórnia. O meu pai ofereceu-me um igualzinho quando concluí o secundário na Academia Phillips Exeter e fui aceite em Yale, disse-me o Claude na altura, com os olhos rasos de lágrimas. Sendo ele agente da CIA, os interrogatórios e os assassinatos faziam parte de um normal dia

de trabalho, porém era sentimental nalgumas coisas, nomeadamente a nossa amizade e a qualidade dos acessórios que um homem usa. Eis a razão nostálgica por que eu ainda conservava aquele saco de pele. Mesmo não sendo especialmente grande, não estava cheio, e o do Bon tão-pouco. Tal como acontece com a maioria dos refugiados, tínhamos muito poucas posses materiais. Por outro lado, trazíamos às costas sonhos e fantasias, traumas e sofrimentos, mágoas e desgostos, e, claro está, fantasmas. E, uma vez que os fantasmas não têm peso, podíamos trazer connosco uma infinidade deles.

Ao passarmos pelos tapetes de recolha de bagagem, éramos os únicos passageiros que não vinham a puxar malas ou a empurrar tróleys com bagagem e expectativas turísticas empilhadas. Não éramos turistas, expatriados, retornados, diplomatas, homens de negócios ou qualquer outra espécie de viajante a quem os outros tratam com consideração. Éramos refugiados, e a nossa experiência a bordo de uma máquina do tempo chamada avião a jato de longo curso não chegava para apagar um ano inteiro a definhar num campo de reeducação, ou os dois anos num campo de refugiados numa ilha indonésia de seu nome Galang. Depois desses dois campos, onde o bambu e o colmo e a lama e as velas eram a norma, sentimo-nos desorientados ali no aeroporto, onde nos rodeavam o aço inoxidável, o vidro, os ladrilhos e as luzes muito brilhantes, e fomos avançando devagar e ao acaso, colidindo com outros passageiros enquanto procurávamos a saída. Por fim encontrámo-la e as portas deslizaram, e vimo-nos sob o vasto teto da área das chegadas internacionais, onde fomos inspecionados por uma multidão de rostos expectantes.

Uma mulher disse alto o meu nome. Era a minha tia, ou, em rigor, a mulher que eu estava a fingir que era minha tia. Durante os anos passados nos Estados Unidos, enquanto espião comunista infiltrado nas depauperadas fileiras do exército sul-vietnamita no exílio, escrevera-lhe periodicamente, à primeira vista a dar-lhe conta das minhas tribulações de refugiado, embora, na verdade, todas essas cartas estivessem secretamente cheias de mensagens em

código escritas a tinta invisível, a dar conta das maquinações levadas a cabo por elementos do referido exército, que acalentavam a esperança de resgatar a nossa pátria ao jugo comunista. A chave era o livro *O Comunismo Asiático e o Modo de Destruição Oriental*, de Richard Hedd, e a ela cabia-lhe transmitir as minhas mensagens ao Man, meu irmão de sangue, e também do Bon. Saudei-a com alívio e alguma apreensão, porque ela sabia o que o Bon não sabia ou jamais podia ficar a saber: que o Man era um espião e que eu o fora. Nessa altura, o Man era o meu responsável, e se no campo de reeducação veio a tornar-se no meu torturador, não estaria isso em consonância comigo, um homem com duas maneiras de pensar? E, se a minha tia não era realmente minha tia, não se adequava isso na perfeição a um homem com duas caras?

Na verdade, ela era tia do Man e tal qual se descrevera na sua última carta: alta, magra e de cabelos pretos. E ficavam-se por aí as semelhanças com a mulher que eu imaginara: alguém de meia-idade e de costas para sempre curvadas do trabalho como costureira, literalmente vergada pela sua devoção à causa da revolução. Com base na sua figura e olhando ao que segurava numa mão, diria que o familiar mais próximo daquela mulher era o cigarro. O fumo e a autoconfiança saíam-lhe por todos os poros, e, com aqueles seus agressivos saltos altos, igualava-me em estatura, embora parecesse mais alta, por ser tão magra, por estar com um vestido de malha cinzento que se lhe moldava ao corpo e por usar um penteado em bico. Era o seu uniforme diário, vim a descobrir. Sabia que ela provavelmente já estava na casa dos 50, mas, favorecida pelo estilo francês e abençoada com os genes da sua metade asiática, que a faziam não ter idade, facilmente passava por alguém de 30 e muitos.

Meu Deus! Agarrando-me pelos ombros, beijou o ar ao tocar-me uma face e outra com as suas daquela maneira encantadora que os franceses têm de se saudar, sendo que nenhum dos franceses no meu país, incluindo o meu pai francês, jamais a usara comigo. Vocês os dois precisam de roupas. E de cortes de cabelo!

Francesa, sem dúvida.

Apresentei-a ao Bon em francês, mas ele respondeu em vietnamita. Tal como eu, estudara num *lycée*, mas detestava os franceses, e, se agora estava em Paris, era unicamente por mim. A bolsa de estudo que tivera fora-lhe dada pelos franceses, certo, mas, tirando isso, jamais tinham trazido algo de bom à sua vida, tirando poder usar as estradas que eles tinham feito, mas pelas quais era difícil estarmos-lhes gratos, visto resultarem do trabalho escravo de camponeses, como era a família do Bon. Ao levar-nos para a fila para o táxi, a minha tia perguntou-nos, agora em vietnamita, a respeito das nossas viagens e de tudo por que passáramos. Falava a mais pura e clássica versão da nossa língua, a que era usada pelos intelectuais de Hanói. O Bon manteve-se mudo e calado. Ele próprio falava uma mistura do dialeto do Norte rural, de onde eram as nossas famílias, com o do Sul rural para lá de Saigão, onde os pais dele se tinham fixado depois do nosso êxodo católico em 1954, quando deixáramos o Norte, a primeira de três experiências como refugiados que tivéramos. Talvez fosse por vergonha desse seu dialeto que agora estava calado, mas o mais provável era estar a ferver de raiva. Tudo quanto viesse de Hanói era potencialmente comunista, e tudo o que *pudesse* ser comunista era *inequivocamente* comunista, pelo menos para alguém tão furiosamente anticomunista como o Bon. Não conseguia sequer estar grato aos nossos captores comunistas por algo de valioso que deles recebera: o ensinamento de que o que não nos mata torna-nos mais fortes. Por essa lógica, agora eu e ele éramos super-homens.

Faz o quê?, perguntou ele finalmente quando já estávamos os três no banco de trás do táxi, com a minha tia sentada entre nós dois.

Ela olhou-me com um ar por demais reprovador antes de responder, Vejo que o meu sobrinho não disse uma palavra sobre mim. Sou editora.

Editora?, quase exclamei, mas consegui travar-me a tempo, porque era de esperar que eu soubesse a profissão da minha tia. Em busca de alguém que se responsabilizasse pela nossa saída do campo de refugiados, escrevera-lhe — desta vez não em código —, visto tratar-se da única pessoa não americana que eu conhecia. O mais

certo era ela ir agora informar o Man da minha chegada, mas antes essa certeza do que regressar à América, onde cometera crimes dos quais não fora declarado culpado, mas de que não me orgulhava.

Ela mencionou uma editora de que eu nunca ouvira falar. Ganho a vida com os livros, continuou. Principalmente ficção e filosofia.

O barulho vindo da garganta do Bon indicou que ele não era muito de leituras, tirando o manual do exército, os tabloides e os lembretes que eu colava na porta do frigorífico. Ter-se-ia sentido mais à vontade com a minha tia sendo ela de facto costureira e dei graças por nunca lhe ter falado dela.

Quero que me contem tudo o que vos aconteceu, disse a minha tia. No campo de reeducação, depois no campo de refugiados. São as primeiras pessoas com quem falo que passaram pela reeducação!

Talvez não já esta noite, tia querida, repliquei. Não mencionei a confissão escrita sob coação extrema durante a reeducação e que trazia escondida no fundo falso do meu sofisticado saco de viagem, juntamente com um exemplar do livro de Hedd cujas páginas estavam amareladas e a desmembrar-se. Nem sequer sabia muito bem porque me dera ao trabalho de esconder a minha confissão, afinal, a última pessoa que eu queria que a lesse, o Bon, não mostrava qualquer interesse na sua existência. Tal como eu, também ele escrevera, rescrevera e reescrevera a sua confissão sob tortura no campo de reeducação; contrariamente a mim, não chegara a saber que o comissário do campo era o Man, seu irmão de sangue. E como poderia sabê-lo, se o comissário era um homem sem rosto? Mas, afirmara ele, uma coisa sabia: numa confissão obtida sob tortura, tudo é mentira. E também o Bon, como a maioria das pessoas, acreditava que as mentiras jamais se tornam verdade, não importa quantas vezes sejam repetidas. Já eu, à semelhança do padre meu pai, era o tipo de pessoa que acreditava exatamente no oposto.

O apartamento da minha tia ficava no 11^e arrondissement, muito perto da Bastilha, onde começara a Revolução Francesa. No escuro, passámos por uma haste gigante, que comemorava o lugar

que a Bastilha para sempre teria na história. Na qualidade de ex-comunista e ex-revolucionário, também eu era descendente desse acontecimento que decapitara a aristocracia com uma irrevocabilidade de guilhotina. Deixámos a via rápida, entrámos na cidade e, agora sim, sentia-me de facto em França, ou, melhor dizendo, Paris, com as suas ruas estreitas e os seus edifícios todos da mesma altura e com o mesmo desenho, já para não falar dos encantadores letreiros que encimavam as lojas e que reconhecíamos imediatamente dos postais e de filmes como *Irma la Douce*, que eu vira num cinema americano pouco tempo depois de chegar a Los Angeles na qualidade de estudante estrangeiro. Com o tempo, viria a descobrir que, em Paris, tudo era encantador, até mesmo as prostitutas e as manhãs de domingo, logo cedo, ou a seguir ao almoço, ou em agosto, quando fechava tudo.

Ao longo das semanas seguintes, não me cansei de repetir: «Encantador!» Jamais a minha pátria ou a América se poderiam descrever como «encantadoras». Tal adjetivo era moderado de mais para um país tão quente ou um povo tão irascível como eram os meus. Podíamos repelir, podíamos seduzir, mas jamais encantávamos. Quanto à América, basta pensarmos na *Coca-Cola*. Ora aí está um elixir que tem que se lhe diga. É a materialização de uma doçura que causa dependência e estraga os dentes, tal qual a de um capitalismo que acaba por nos destruir, por mais que gostemos de lhe sentir a efervescência na língua. Encantadora, porém, a *Coca-Cola* não é, ao contrário, por exemplo, de um café bem escuro, acabado de moer e servido numa chaveninha do tamanho de um dedal sobre um pires que é um pratinho em miniatura e acompanhado de uma colherzinha de boneca, que nos traz um empregado de mesa tão convicto da importância da sua profissão como um banqueiro ou um colecionador de arte.

Se os americanos tinham Hollywood, com todo o seu espalhato e pose, toda *soutiens* avantajados e chapéus de cowboy, o campeonato dos franceses era o do charme. Isso mesmo era evidente nos detalhes, como se toda a França fosse assinada por Yves Saint-Laurent, a começar pelo pormenor, acredite-se ou não, de o nosso

taxista usar boina, até chegar ao nome da rua da minha tia, a rue Richard Lenoir, depois à porta de ferro com a tinta azul a descascar por onde se entrava no número 37, que era o prédio dela, seguindo-se a escuridão cheia de eco da entrada com a luz quase fundida e os estreitos degraus de madeira que nos levaram ao apartamento, que ficava no quarto andar.

O facto de, com exceção da boina, nada disto ser intrinsecamente charmoso apenas demonstra a tremenda e injusta vantagem dos franceses no campeonato do charme, pelo menos para aqueles como eu que, apesar dos mais aplicados esforços em contrário, nos deixáramos colonizar quase integralmente. E digo quase porque, enquanto subia as escadas, já arquejante, e embora ainda estivesse encantado, uma pequena e reptiliana parte do meu cérebro — o nativo selvagem que havia em mim — conseguiu resistir ao charme pelo tempo de identificar o que tinha diante dos olhos: a sedução da subjugação. Falo do sentimento que quase me fez desmaiar ao deparar com a clássica *baguette* que agraciava a mesa de refeição da minha tia. Ah, a *baguette*! Símbolo da França e, por conseguinte, símbolo da colonização francesa! Assim me disse uma parte de mim. Mas ao mesmo tempo havia a outra parte, que disse, Ah, a *baguette*! Símbolo de como nós, vietnamitas, nos soubemos apropriar da cultura francesa! Não só aprendemos a fazê-las na perfeição, como as nossas *bánh mì*, que criámos a partir das *baguettes*, são muitíssimo mais saborosas e criativas do que as sanduíches dos franceses. Essa dialética *baguette*, juntamente com uma salada de pepino temperada com uma *vinaigrette* de saqué, um tacho de caril de frango com batatas e cenouras, uma garrafa de tinto a acompanhar, e, para a sobremesa, um pudim *flan* de molho numa poça castanho-escura de açúcar caramelizado foi o repasto que a minha tia preparara. Há quanto tempo eu sonhava com tais manjares, ou outros que fossem parecidos! Não parara de fantasiar com comida durante os intermináveis meses de cativeiro no campo de reeducação, que ficava no mais interior dos círculos do Inferno, e depois acontecera-me o mesmo no campo de refugiados, que continuava a ser no Inferno,

apenas num dos círculos mais à superfície. Nesses dois lugares, o melhor que se podia dizer da nossa dieta era a sua insuficiência, e o pior, que a comida cheirava a ranço.

O meu pai ensinou-me a fazer comida vietnamita, explicou a minha tia ao servir-nos o caril em tigelas. Foi um soldado, assim como vocês os dois, mas um soldado esquecido.

A referência a um pai fez o meu coração parar durante breves segundos. Estava no país do meu progenitor, do patriarca que me rejeitara. Teria a minha vida sido diferente tendo-me ele reconhecido como filho e feito da minha mãe sua amante, senão esposa? Parte de mim ansiava pelo seu amor, mas a outra parte detestava a minha pessoa por sentir por ele outra coisa que não desprezo.

Os franceses recrutaram o meu pai para combater na Primeira Guerra Mundial, continuou a minha tia. Tanto eu como o Bon aguardávamos aflitos que ela agarrasse na sua colher ou partisse a *baguette*, sendo isso o tiro de partida para atacarmos aquela refeição que se exibia provocadoramente diante dos nossos olhos. Com apenas 18 anos, viu-se transplantado da Indochina tropical para a metrópole juntamente com dezenas de milhares de outros. Claro que só viu Paris muito depois de a guerra ter terminado. E jamais regressou ao seu país. Tenho as cinzas dele no meu quarto, em cima da cómoda.

Não há nada mais triste do que o exílio, disse o coitado do Bon, de dedos trémulos sobre a toalha de mesa. Durante quase toda a sua vida, jamais teria dito algo que fosse remotamente filosófico, mas, com a experiência do exílio e tendo perdido em circunstâncias trágicas a mulher e o filho, vinha ficando cada vez mais meditativo. Essas cinzas têm de ser deixadas no seu legítimo lugar, declarou. Só então o espírito do seu pai descansará verdadeiramente em paz.

Seria de pensar que semelhante conversa nos arruinaria o apetite, mas tanto o Bon como eu estávamos desesperados por comer outra coisa que não as rações de subsistência trazidas por uma organização não governamental com a missão de manter vivos os refugiados, mas não mais do que isso. Além do mais, franceses

e vietnamitas partilham um amor da melancolia e da filosofia que os americanos, otimistas maníacos que são, jamais entenderiam. O americano típico prefere uma versão enlatada da filosofia, do tipo que vem em livros que são como manuais de instruções, enquanto um francês ou um vietnamita, até mesmo de nível médio, ama o conhecimento.

Assim, fomos conversando e comendo, e, não menos importante, bebemos e fumámos e demos liberdade aos pensamentos, entregámo-nos a três maus hábitos meus, sendo que os três me tinham sido recusados durante a reeducação. Para os satisfazermos, não só a minha tia abriu sucessivas garrafas de vinho tinto, como abriu uma pequena caixa marroquina que tinha sobre a mesa, a qual continha duas variedades de cigarros: com e sem haxixe. Mesmo «haxixe» soa encantador, ou pelo menos exótico, se comparado com «marijuana», a droga de eleição dos americanos, não obstante derivarem ambas da mesma planta. Fumada por *hippies* e adolescentes, a marijuana era simbolizada por uma banda fatalmente desleal chamada Grateful Dead, cujos membros Yves Saint-Laurent teria mandado alinhar diante de um pelotão de fuzilamento por terem popularizado as t-shirts *tie-dye*. Por sua vez, o haxixe evocava o Levante e os *souks*, o estranho e o excitante, o decadente e o aristocrático. Ainda que na Ásia pudéssemos experimentar a marijuana, no Oriente fumava-se haxixe.

Até o Bon quis experimentar um daqueles potentes cigarros, e foi então que, saciada a fome, corpo e mente descontraídos, sentindo-nos nós próprios um tanto franceses ao abandonarmos-nos àquele comprazimento de barriga cheia (para um refugiado, quase tão delicioso quanto a satisfação pós-coito), ele reparou numa fotografia emoldurada de entre várias que estavam sobre a lareira.

Aquele é... Pôs-se abruptamente de pé, quase perdeu o equilíbrio, recuperou-o, depois seguiu pela orla de um tapete persa até à lareira. Este é... apontou o rosto na fotografia... é *ele*.

Ao que parecia, ela e o Bon tinham um conhecido comum, disse eu à minha tia, ao que ela respondeu, Não imagino quem.

O Bon voltou-se. Estava roxo de fúria. Eu digo-lhe quem. O *Diabo*.

Ergui-me de um salto. Se o Diabo estava ali, queria conhecê-lo! Mas quando me aproximei para ver melhor... Esse não é o Diabo, concluí, de olhos postos numa fotografia colorida à mão de um homem de ar vigoroso, com o cabelo e a barbicha brancos, um halo de luz suave a circundar-lhe a cabeça. É Ho Chi Minh.

Tal como ele, também eu já fora um comunista comprometido com a causa e que não deixara de levar por diante a minha missão nem mesmo na América, onde ajudara à revolução no meu país fazendo tudo para frustrar a contrarrevolução no estrangeiro. Um segredo que não partilhara com quase ninguém, sobretudo com o Bon. Os únicos a par das minhas simpatias comunistas eram a minha tia e o seu sobrinho, o Man. Ele, o Bon e eu éramos irmãos de sangue, éramos Os Três Mosqueteiros, ou talvez os Três Estorolas, dependendo de como a história nos julgar. Eu e o Man éramos espiões a operar secretamente contra a causa comunista, tão amada do Bon, recorriamos a subterfúgios que nos colocaram em todo o tipo de situações complicadas, sendo que, de um modo geral, o nosso método de evasão envolvia a morte de alguém. Mesmo agora o Bon estava convencido de que o Man morrera e de que eu era tão anticomunista quanto ele, pois, durante a reeducação, vira os comunistas deixarem-me com marcas para a vida inteira e pensava que os comunistas só faziam isso aos inimigos. Ora, eu não era um inimigo do comunismo, apenas alguém com a quase fatal capacidade de conseguir perceber o lado dos verdadeiros inimigos do comunismo, entre os quais se contavam os americanos. Se alguma coisa a reeducação me ensinara, fora que um comunista convicto é, tal como um capitalista convicto, incapaz de *nuances*. Conseguir perceber o lado do inimigo era o mesmo que ser compreensivo com o Diabo e o equivalente à traição. Ora, sendo o Bon um católico devoto e um fervoroso anticomunista, decerto comungava desta convicção. Não conhecia ninguém que tivesse matado mais comunistas do que ele, e, mesmo tendo a noção de que alguns desses que matara talvez tivessem sido erradamente tomados por

comunistas, ainda assim o Bon tinha fé em que o perdoariam Deus e a história.

Apontou o dedo à minha tia e acusou, É comunista, não é? Num ato reflexo, agarrei-lhe a mão, sabendo que, tivesse ele naquele momento o dedo no gatilho, possivelmente à minha tia teriam restado tão-só breves instantes de vida. Ele enxotou a minha mão com uma palmada e a minha tia ergueu uma sobrancelha e acendeu um cigarro dos que apenas tinham tabaco.

Digamos que, mais do que uma verdadeira comunista, sou alguém que quer acompanhar os comunistas na sua viagem, declarou. Tenho humildade bastante para saber que não sou uma verdadeira revolucionária. Sou apenas uma simpatizante. Mostrava-se desprendida a respeito das suas simpatias políticas como só os franceses o sabem ser, um povo sempre tão de cabeça fria perante qualquer situação que pouca falta lhes fazem os aparelhos de ar condicionado que os americanos não dispensam. Tal como o meu pai, sou mais trotskista do que estalinista. Acredito no poder nas mãos do povo e na revolução mundial, e não em partidos a mandar nos respetivos países. Acredito nos direitos do homem e na igualdade para todos, não no coletivismo e na revolução do proletariado.

Então porquê uma fotografia do Diabo em sua casa?

Porque ele não é o Diabo, mas o maior dos patriotas. Quando vivia em Paris, adotou o nome Nguyen, *o Patriota*. Acreditava na independência da nossa pátria, como tu e eu, como o meu pai. Não deveríamos antes celebrar o que nos une?

Disse tudo isto com calma, como que a chamá-lo à razão. Mas, para o Bon, teria dado no mesmo ela estar a falar-lhe numa língua estrangeira. É comunista, concluiu, categórico. Voltou-se para mim com o olhar desvairado e frenético de um gato ferido que se vê encurralado. Não posso ficar aqui.

Soube então que a minha tia não corria perigo de vida. No rígido código de honra do Bon, seria imoral pagar hospitalidade com homicídio. Mas era quase meia-noite e não tínhamos para onde ir.

Dorme aqui esta noite, sugeri. Amanhã vamos ter com o Patrão. Trazia a morada dele na carteira, anotara-a no campo de Pulau Galang, antes de os mágicos que tinham a seu cargo as abaladas dos refugiados teletransportarem o Patrão para Paris, fazia agora um ano. Mencionado o Patrão, o Bon acalmou, o Patrão devia-lhe a vida e prometera ajudar-nos caso conseguíssemos vir para cá.

Tudo bem, acedeu ele. O haxixe, o vinho e a exaustão tinham-lhe entorpecido os instintos assassinos. Tornou a olhar para a minha tia, agora com algo semelhante a arrependimento, ou o mais perto que o Bon jamais se aproximaria de sentir genuíno arrependimento. Não é nada pessoal.

Meu querido, a política é sempre pessoal, replicou ela. Daí ser mortífera.

A minha tia retirou-se para o quarto e ficámos os dois na sala. Tínhamos ali um sofá e, empilhado sobre o tapete persa, tudo de que precisávamos para fazer a cama.

Não me contaste que ela era comunista, disse o Bon, sentado no sofá e com os olhos raiados de sangue.

Se tivesse contado, não aceitavas ficar aqui, repliquei, sentando-me ao seu lado. E o sangue vem antes das convicções, ou não? Mostrei-lhe a palma da mão com a cicatriz vermelha, a marca da nossa irmandade de sangue, jurada ainda em Saigão, no *lycée*. Nessa noite, cercados de arvoredo, cada um fizera um corte na palma da mão, depois uníramo-las entrelaçando os dedos, ficando a partir daí o nosso sangue misturado para sempre.

Tudo isso já fora há um ou dois séculos, depois da nossa adolescência — ou, pelo menos, assim parecia, depois de tudo quanto sofrêramos —, e, ali e agora, no país dos nossos antepassados gauleses, o Bon mostrou-me a sua mão com a cicatriz e perguntou, Quem vai dormir no sofá?

Deitado no chão, ouvi-o no sofá, a murmurar as orações que todas as noites dirigia a Deus e também à esposa e ao filho já falecidos, a Linh e o Duc. Tinham morrido na pista do aeroporto de Saigão,

ao correremos para embarcar no último avião que iria deixar a cidade em abril de 1975, a nossa segunda experiência enquanto refugiados. No caos, uma bala indiferente disparada por um atirador desconhecido lancetou ambos. Ocasionalmente, o Bon ouvia os dois fantasmas chorosos chamarem por ele, por vezes até lhe suplicavam que se lhes juntasse, outras vezes diziam-lhe que tinha de viver. Mas as mãos do Bon, tão hábeis a matar outros, recusavam voltar-se contra o seu dono, porque cometer suicídio era pecar contra Deus. Por outro lado, casos havia em que tirar a vida a outros era permissível, porque amiúde Deus requer dos que Lhe são fiéis que sejam o Seu instrumento de justiça, ou assim me explicou o Bon. Era um católico devoto e um assassino frio e implacável, e convivia pacificamente com isso, mas, mais do que as suas contradições, ou do que as minhas, porque era inegável que também eu me contradizia, preocupava-me que chegasse o dia em que nos contradiríamos mutuamente, porque nesse dia, ao inteirar-se do meu segredo, o Bon aplicaria a sua justiça e o visado seria eu, independentemente de partilharmos o sangue.

Na manhã seguinte, antes de deixarmos a casa da minha tia, oferecemos-lhe um presente trazido da Indonésia, um pacote de *kopi luwak*. O Bon tinha quatro no seu saco de viagem. Inspirámo-nos num dos homens de confiança do Patrão, que, no dia anterior à nossa partida, viera trazer-nos três pacotes de *kopi luwak* para oferecemos da sua parte ao seu amo e senhor. O Patrão não dispensa este café, justificou. Com aquele seu nariz fremente, suíças desiguais e mal semeadas e olhos de pupilas pretas, parecia aquela espécie de doninha que agraciava cada embalagem, ou assim me ocorreu na altura. Disse-me especificamente que lho enviasse, explicou de seguida. E então, já no aeroporto, o Bon e eu juntámos os trocos que tínhamos connosco e comprámos o quarto pacote de *kopi luwak*, aquele que a minha tia agora segurava, optando por comprar da mesma marca. Quando lhe expliquei que o *luwak*, isto é, a civeta, ingeria os grãos crus e os evacuava depois de, supostamente, os seus

intestinos os fermentarem dando-lhes um toque gastronómico, ela desfez-se a rir, o que me melindrou bastante. O *kopi luwak* era muito caro, sobretudo para refugiados como nós, e teria sido de esperar que ela, sendo francesa, fosse adorar café apaladado por civetas. Com os seus peculiares hábitos gastronómicos, como, por exemplo, comerem miolos, tripas, caracóis e outras coisas assim, os franceses mereciam o estatuto de asiáticos honorários pela sua heroica determinação em ingerirem qualquer parte de qualquer animal.

Oh, pobre agricultor!, exclamou ela, franzindo o nariz. Que diabo de maneira de ganhar a vida. Logo depois, ciente do seu *faux pas*, apressou-se a acrescentar, Aposto que é delicioso. Amanhã de manhã faço-o para os três — ou, pelo menos, para nós os dois.

Disse isto para mim, porque, supostamente, na manhã seguinte o Bon já estaria com o Patrão. Sóbrio e à luz do dia, o Bon não mencionou o diabo que os dividira, sinal de que talvez a Cidade das Luzes o tivesse já iluminado pelo menos ligeiramente. A minha tia tão-pouco referiu o incidente, optando antes por nos explicar o trajeto até à estação de metro Voltaire, que ficava a um quarteirão dali e de onde seguimos para o 13^o arrondissement. E assim chegámos ao Bairro Asiático, ou Pequena Ásia, a respeito do qual ouvíramos vários rumores e histórias quando estávamos no campo de refugiados.

Pára de chorar, repreendeu-me o Bon. Livra, és mais sensível do que uma mulher.

Era mais forte do que eu. Aqueles rostos! As pessoas que nos rodeavam lembravam-me o meu país. Eram bastantes, mesmo não sendo, nem de longe, tantas como as que se viam na Chinatown de São Francisco ou na de Los Angeles, onde quase todos eram asiáticos. Mas, como depressa vim a descobrir, bastava um ajuntamento de mais do que um punhado de não brancos para que os franceses ficassem enervados. Assim sendo, a Pequena Ásia oferecia um número assinalável, porém não esmagador, de rostos asiáticos, na sua maioria gente feia ou perfeitamente banal, mas que, ainda assim, me fez bem ver. O espécimen-padrão de qualquer raça nunca é uma beldade, mas, se é verdade que a fealdade dos outros apenas

confirma preconceitos, também é verdade que o aconchego de nos vermos entre a nossa gente é sempre reconfortante.

Limpei as lágrimas para assim poder observar melhor os nossos hábitos e costumes, que, ali, talvez resultassem deslocados, mas que, ainda assim, acalentavam o coração. Refiro-me à maneira de andar típica dos asiáticos, que arrastam os pés em vez de darem passos largos, ou como, habitualmente, os homens seguem na dianteira das suas sofridas esposas, que carregam sozinhas as compras, ou como um desses exemplos vivos de cavalheirismo se assoou pressionando uma narina com um dedo e expelindo vigorosamente pela outra o muco que tinha no nariz, míssil esse que falhou os meus pés por um escasso meio metro. Sendo uma nojice, não é nada que a chuva não lave facilmente, o que é mais do que se pode dizer de um lenço de papel usado.

O nosso destino final era uma loja de importação e exportação que anunciava as suas intenções em francês, chinês e vietnamita, incluindo-se entre os seus serviços o envio, para o nosso país, de encomendas, cartas e telegramas, ou, por outras palavras, enviavam esperança a um país a morrer à fome. Sentado num banco atrás do balcão, o empregado ergueu o olhar, viu-nos e saudou-nos com um resmungo. Disse-lhe que estávamos ali para falar com o Patrão.

Não está, respondeu o empregado, como o homem de confiança do Patrão nos avisara que ele faria.

Vimos de Pulau Galang, esclareceu o Bon. Ele está à nossa espera.

Tornando a resmungar, o empregado levantou-se do banco com cautela hemorroidal e desapareceu por um corredor. Regressou passado um minuto e disse-nos, Ele está à vossa espera.

Passámos para trás do balcão, seguimos pelo corredor, entrámos por uma porta e ali estava o escritório do Patrão, perfumado com ambientador de alfazema, com chão de linóleo e com as paredes adornadas por calendários com fotografias de casadoiras modelos hongueconguenses em poses exuberantes, além de um relógio de madeira igual ao que eu vira no restaurante que o meu antigo

comandante na Unidade Especial, o General, o homem que eu traíra e que me traíra de volta, tinha em Los Angeles. Reconheço que estava apaixonado pela filha dele, mas quem não se apaixonaria pela Lana? Continuava a sonhar com ela, da mesma maneira que todos nós, refugiados, continuamos sempre a sonhar com o nosso país, cuja forma era replicada no relógio. Entretanto, a nossa terra-mãe estava irrevogavelmente mudada, como o Patrão. Quase não o reconhecemos quando ele se içou da sua secretária metálica. No campo de refugiados, estava como os demais: emaciado, esfarrapado, com o cabelo inapresentável, com a única camisa que possuía já com manchas castanhas sob as axilas e entre as omoplatas, e sem mais que calçar do que umas chinelas de enfiar no dedo.

Agora, porém, calçava mocassins e vestia umas calças com vinco e um polo, o traje informal por excelência da variante ocidental e urbana do *Homo sapiens*. O seu cabelo estava bem cortado e com o risco ao lado tão impecavelmente feito que teria sustido um lápis. No nosso país, o Patrão mantivera avultados interesses comerciais nas indústrias do arroz, dos refrigerantes e da petroquímica, já para não referir certos bens essenciais dos que se adquirem no mercado negro. No rescaldo da revolução, os comunistas tinham-no aliviado do fardo da sua excessiva riqueza, mas esses cirurgiões plásticos perderam a mão e acabaram por aspirar gordura a mais ao finório que agora tínhamos diante dos nossos olhos. Em risco de morrer à fome, o Patrão fugira para Paris e bastara-lhe tão-só um ano para se restabelecer como homem de negócios e recuperar a aparência almofadada dos prósperos da humanidade.

Ora, ora, disse ele. Cá estão vocês com a minha mercadoria.

Demos início ao ritual masculino da interação social entre primatas com uma ronda de abraços e palmadas nas costas, após o que eu e o Bon, remetendo-nos à posição de símios mais abaixo na ordem social, presenteámos o macho alfa com o nosso tributo: os três pacotes de *kopi luwak*. E então passámos à fase do convívio, o que envolveu fumarmos cigarros franceses e bebermos *Rémy Martin VSOP* em copos de balão que se aconchegavam nas nossas

mãos como seios perfeitos. Nos últimos dois anos, a bebida mais refinada que me passara pela frente fora o uísque de arroz clandestino, uma zurrapa capaz de cegar um homem, pelo que o reencontro da minha língua com um dos seus mais verdadeiros amores, o conhaque, deixou-me numa disposição chorosa. O Patrão não fez comentários. Tal como o Bon, também ele me vira chorar muitas vezes no campo de refugiados. Se outros tinham adoecido com malária, no meu caso vira-me afligido por inesperados ataques de choro convulsivo, maleita da qual ainda não recuperara totalmente.

Quando a minha língua já se recompusera do contacto com o voluptuoso corpo acobreado do conhaque, funguei e comentei que jamais me teria passado pela cabeça que ele pudesse ser apreciador de café feito com grãos defecados por uma civeta. Com a sua melhor imitação de um sorriso, o Patrão empunhou um abre-cartas, abriu um dos pacotes e fez cair-lhe na palma da mão um lustroso grão castanho, que brilhou sob a luz do candeeiro de secretária.

Não bebo café, respondeu. Bebo chá, mas o café é forte de mais.

Fixámo-nos no pobre grão de café, agora com a ponta do abre-cartas a pressionar-lhe a barriga. Usando os dedos, o Patrão fê-lo rolar-lhe pela palma da mão até ficar a segurá-lo entre o polegar e o indicador, e então raspou-o suavemente com a lâmina do abre-cartas. A superfície castanha esfarelou-se, revelando um interior branco.

Isto é tinta vegetal, revelou. Podemos inalá-la, que não nos faz mal.

Abriu o segundo pacote, uma vez mais fez um grão cair-lhe na palma da mão, e, de novo, raspou a cor à superfície, revelando a brancura por baixo.

Há que testar sempre o produto, explicou. Nem sempre podemos confiar nos nossos homens de confiança. Aliás, até é uma regra de algibeira: Nunca confies nos teus homens de confiança.

Abriu uma gaveta e, muito descontraído, tirou para fora um martelo, como se fosse perfeitamente normal haver sempre um martelo numa gaveta, e, ao de leve, foi batucando no grão até este se

desfazer num fino pó branco. Tocou com a ponta do dedo no pó branco, levemente tingido de pigmento castanho, e lambeu-o. Ao vislumbrar-lhe a língua rosada, senti um formigueiro no dedão.

Claro que o melhor teste é snifar. Mas tenho quem faça isso. A menos que o façam vocês. Querem experimentar?

Fizemos os dois que não. Ele brindou-nos com novo fac-símile de um sorriso e disse, São dois meninos com juízo. Isto é um remédio como não há outro, mas mais vale não precisarmos da cura.

Abriu o terceiro pacote, uma vez mais fez um grão cair-lhe na palma da mão, pousou-o na secretária e deu-lhe uma pancadinha com o martelo — uma, duas, três vezes. O grão não se desfez. Franzindo o sobrolho, o Patrão experimentou dar-lhe uma martelada um nadinha mais forte. Logo de seguida, golpeou-o com tanta força que o candeeiro de secretária se sobressaltou e, quando ele ergueu o martelo, não vimos um fino pó branco, mas sim um círculo de detritos absolutamente castanhos.

Merda, resmungou o Bon.

Não, é café, corrigiu o Patrão, pousando com suavidade o martelo. Recostou-se na cadeira e franziu ligeiramente as comissuras dos lábios qual auditor que sorri, divertido, ao descobrir o erro fatal cometido pelo burlão. Suponho que o tempo parara, porque naquele momento me apercebi de que os ponteiros do relógio continuavam exatamente na posição em que estavam ao entrarmos. Bem, meus caros, disse ele. Parece-me que temos um problema.

Evidentemente, o «nós» subentendido naquele «temos» era um «vós». E esse «vós» éramos «nós».

Ninguém sabia o nome do Patrão, ou, sabendo, não se atrevia a dizê-lo alto. Do seu passaporte constava um nome, mas podia não ser o verdadeiro, além de que só as autoridades o tinham lido. Era de supor que o seu nome fosse do conhecimento do pai e da mãe, mas o Patrão era órfão e talvez os pais nem lhe tivessem dado um nome antes de o deixarem no orfanato. Um órfão tinha estatuto idêntico ao do bastardo, o que me inspirava uma certa compaixão pelo

Patrão, que fugira do orfanato aos 12 anos, farto da educação católica, da repetitiva dieta de papas de aveia com umas míseras raspas de porco frito, dos maus-tratos que sofria às mãos dos outros órfãos por ser chinês, da eterna rejeição sentida por jamais ser adotado. A sua experiência de convívio com crianças anulava-lhe o desejo de ter filhos. O Patrão não sentia necessidade de deixar um legado; interessava-lhe apenas o legado que proporcionava a si mesmo, o único tipo de legado que de facto interessa deixar. Examinando os dois homens à sua frente — sendo eu um deles —, concluiu que não constituíam uma ameaça ao seu legado, Nem um nem outro teriam sido imbecis a ponto de arriscar a proveitosa relação que com ele mantinham por meio quilograma daquele remédio sem igual.

Bem, fazemos assim. Voltem amanhã com o *kopi luwak* que falta. Não vale a pena zangarmo-nos por isto, certo?

Em coro, aqueles dois responderam sim. Quem conhecia o Patrão dizia-lhe sempre sim, a menos que ele quisesse ouvir não. No caso de quem não o conhecia, o Patrão encarregava-se de mostrar quem era e como lhe deviam responder. Aqueles dois que agora ali estavam conheciam-no e estavam cientes de que, não podendo ele confiar-lhes meio quilo, não confiaria neles para coisa alguma. Com um sorriso, o Patrão disse, Foi um engano inocente, tenho a certeza. Desculpem dar-vos esta maçada. Dizes que a tua tia gosta de haxixe? Então vais levar-lhe algum. Fica por minha conta. É um presente.

Escreveu duas moradas num papel que de seguida entregou ao Bon, e disse, Vão lá deixar as vossas coisas, depois pirem-se para o restaurante. Não cheguem atrasados logo no primeiro dia.

Aqueles dois terminaram os seus conhaques, apertaram-lhe a mão e deixaram-no sozinho com a garrafa de *Rémy Martin*, o maço de cigarros, um cinzeiro já cheio, três copos de balão vazios, os grãos de café e o martelo. Com a mão, o Patrão limpou da cabeça do martelo o pó branco e o pó castanho do café, e, empunhando-o, tomou-lhe o peso, sentiu-lhe a dinâmica e admirou-lhe a elegância. Comprara-o numa casa de ferragens pouco tempo depois da chegada a Paris, juntamente com uma caixa de pregos. Para onde quer que se

mudasse, uma das primeiras coisas que gostava de comprar, a menos que já a tivesse, era um martelo. Um martelo é uma ferramenta simples, mas, juntamente com o seu intelecto, era tudo aquilo de que precisava para mudar o mundo.

«Ali estava eu, um homem de duas caras. Qual delas estaria naquele momento a mostrar a mim mesmo e a eles? O que era eu, um revolucionário ou um reacionário? E, sendo um revolucionário, qual era a minha luta? Com que credo estava comprometido?»

Vo Danh, ou Anónimo, antigo espião tornado refugiado, simpatizante comunista que sobreviveu a um campo de reeducação, filho de uma mãe vietnamita pobre e de um pai francês ausente, chega a Paris no início dos anos 80, para começar mais uma vida nova. Na Cidade das Luzes, aguarda-o o Patrão, a quem prestará serviço como passador de droga, e uma «tia» editora que lhe dará guarida, estímulo intelectual e incentivo à escrita. Carregando consigo os fantasmas da guerra e dos seus crimes, e a sua herança euro-asiática, as centenas de páginas da sua confissão procuram responder à mais importante questão do século xx: «O que fazer?». Nesta sua última descida ao Inferno, Vo Danh enceta uma busca conturbada pela sua identidade, enquanto tenta integrar-se à força numa cultura ocidental dominante que o perturba e seduz.

O *Comprometido* é um *thriller* literário brilhante e existencialista que retrata com virulência a opressão e a alteridade, o compromisso e a traição, tendo como pano de fundo a Guerra do Vietname e as consequências nefastas das ideologias.

«Nguyen é um escritor perspicaz, cáustico e extraordinariamente divertido.»

Los Angeles Review of Books

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-564-788-0  9 789895 647880 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	